



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração do terminal de regaseificação de gás natural liquefeito**

**Porto de Pecém, São Gonçalo do Amarante (CE), 20 de agosto de 2008**

Meu caro companheiro Cid Gomes, governador do estado do Ceará,  
Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Meu querido companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,  
Meu querido companheiro José Barroso Pimentel, ministro da Previdência Social,

Meu querido companheiro Guilherme Cassel, ministro do Desenvolvimento Agrário,

Meu querido companheiro Pedro Brito, secretário especial de Portos,  
Meu querido companheiro Ciro Gomes, ex-ministro da Integração,  
Meu querido companheiro Eunício, ex-ministro das Comunicações,  
Meu caro Francisco José Pinheiro, vice-governador do estado do Ceará,  
Deputado Domingos Filho, presidente da Assembléia Legislativa do estado do Ceará,

Senador e companheiro Inácio Arruda,  
Deputados federais, estaduais, secretários de Estado, secretários municipais, prefeitos aqui presentes,

Meu caro Márcio Pereira Zimmermann, secretário-executivo do Ministério de Minas e Energia,

Meu querido companheiro Sergio Gabrielli, presidente da Petrobras,  
Meu querido companheiro Roberto Schmidt, presidente do Banco do Nordeste do Brasil,



Meu caro companheiro João Antônio de Moraes, coordenador-geral da Federação Única dos Petroleiros, em nome do qual saúdo todos os trabalhadores da Petrobras e subsidiárias,

Meus caros companheiros diretores da Petrobras; Sergio Machado, da Transpetro; Alan Kardec, da Petrobras Biocombustível,

Meu caro Paulo Roberto,

Minha querida companheira Graça,

Meus companheiros e minhas companheiras,

Na verdade, eu penso que nós estamos vivendo um momento tão especial, que não tem dono. Eu acho que o dono deste momento especial que estamos vivendo é a crença e a perseverança deste povo que, mesmo nos piores momentos, não perde a esperança, não perde a perspectiva de que possamos construir um mundo melhor para eles.

Eu acho que tenho muita sorte e que sou abençoado por Deus, porque certamente tantos outros presidentes gostariam de ter vivido o momento que estou vivendo. Momento em que a gente bate recorde de geração de empregos com carteira assinada todo santo mês e todo santo ano; momento em que a economia brasileira cresce de forma sólida e sustentável; momento em que a gente cria uma empresa subsidiária da Petrobras, chamada Petrobras Biodiesel, para resolver o problema de uma nova matriz energética que estamos construindo no Brasil, que tem como base e um dos pilares o desenvolvimento da agricultura familiar no nosso país; momento em que o consumo no Nordeste cresce mais do que no Sudeste; e momento em que o Brasil conquista credibilidade internacional. Eu diria que em poucos momentos da história do Brasil nós vivemos esse momento.

E um momento ainda mais gratificante porque a Petrobras – e só pôde fazer isso com investimento – descobre petróleo, o que coloca o Brasil numa situação altamente privilegiada dentre os países detentores de grandes



reservas de petróleo. Eu ainda não sei quanto petróleo existe na camada pré-sal. Necessariamente eu não preciso saber tão rapidamente, porque vai ser a Agência Nacional de Petróleo que vai anunciar a quantidade. Certamente tem menos do que nós desejaríamos, mas tem muito mais do que a gente já pensou ter, em algum momento, neste país. Ninguém precisa me dizer os números porque eu vejo isso estampado na cara dos diretores da Petrobras.

Isso coloca o Brasil numa situação ainda mais privilegiada e com possibilidades enormes de ter um novo ciclo de crescimento, que possa durar 10, 15 ou mais anos, para a gente recuperar a quantidade de décadas que o Brasil ficou estagnado, não conseguiu crescer e só gerou desempregos.

Vivemos um momento auspicioso de crescimento da massa salarial, de crescimento da renda. Quando eu vejo a Fundação Getúlio Vargas publicar no seu Anuário uma pesquisa mostrando que há uma nova classe média neste país, composta de pessoas que eram das classes D e E, que ascenderam à classe C, e que essas pessoas estão podendo ter acesso ao seu primeiro carro, à sua primeira casa, ao seu primeiro computador, eu fico pensando: ter casa, carro, computador, ser bem-casado, ter uma boa família, um emprego com um salário que lhe permita sobreviver, é tudo na vida que um ser humano precisa para viver tranquilo e cuidar da sua família, e acreditar cada vez mais no seu País.

O Pimentel me deu outro dado extraordinário, agora no avião. Dos 2 milhões e 600 mil trabalhadores contratados no ano passado, entre a economia formal e a informal... Ou melhor, entre a economia informal – aqueles que tiveram emprego durante 12 meses – a formal e os temporários, que ficaram pelo menos um mês registrados, 22% desses trabalhadores são jovens com até 19 anos, e 42% são pessoas de 50 a 69 anos de idade.

Prestem atenção em dois fatos importantes. Primeiro, quando a gente contrata um jovem de 19 anos e dá a ele a possibilidade do emprego, nós estamos, na verdade, roubando, ganhando esse jovem do crime organizado,



da marginalidade, porque estamos dando uma oportunidade para ele. Quando nós empregamos um homem com mais de 50 anos de idade... Aqui neste plenário, eu tenho certeza de que muitas vezes vocês se queixaram: “Quem tem mais de 40 anos não arruma mais emprego”.

A verdade é que nós passamos 20 anos em que não arrumava emprego quem tinha 40, 50, 30, 20 ou 17 anos, porque a economia brasileira esteve atrofiada durante 20 anos neste país. Nós perdemos uma geração de jovens, que hoje vemos na televisão sendo presos porque cometeram algum delito, e esse delito foi causado pela impossibilidade de esse jovem ter tido acesso à educação, oportunidade de trabalho e a esperança que todos nós precisamos para sobreviver condignamente.

Quando eu vejo esses números, confesso a vocês que tenho motivos de sobra para ficar feliz. Passei metade da minha vida ouvindo dizer que eu não estava preparado, que eu não tinha diploma universitário, que eu não sabia governar, que eu não tinha experiência, e muitos falavam o que queriam falar. Hoje, o grave é que aqueles que falavam que nós não tínhamos competência para governar este país, são aqueles que falam o que o Cid falou: “O Lula tem sorte”. Deus queira que eu continue tendo muita sorte porque eu não sei se um ser humano conseguiria sobreviver sem um pouco de sorte.

Meus companheiros e minhas companheiras, viver este momento, para mim é gratificante, porque no dia 21 de novembro de 2006 nós estávamos com um problema muito sério com o companheiro Evo Morales, presidente da Bolívia: estávamos numa peleja muito grande, por conta do gás que importávamos de lá. Foi feita uma reunião do Conselho Nacional de Política Energética e eu fui convidado. Naquela reunião, eu disse aos companheiros que o Brasil precisaria trabalhar 24 horas por dia para se tornar um país independente no que diz respeito à questão energética e, dentro dessa questão, a do gás. Disse aos companheiros que nós não queríamos deixar de importar o gás da Bolívia, que queríamos continuar importando porque ela está



muito perto do Brasil e é um fornecedor importante, mas que não poderíamos ficar dependentes apenas de um país. Era preciso que ampliássemos as possibilidades de ter outros fornecedores para ter mais flexibilidade e garantir a soberania brasileira na questão de energia.

Naquela reunião, houve a primeira reunião sobre a questão dos navios, e eu me lembro que alguns companheiros, dentre eles o José Sergio Gabrielli, nos comunicavam que não tinha navios no mundo, que tinha que alugar, e tinha que esperar quase dois anos para alugar um navio. Para alugar o segundo era mais um ano, e ele iria fazer um esforço imenso para que a gente pudesse alugar um navio e construir a estação para a gente receber.

Veja que engraçado, José Sergio. Hoje, menos de dois anos depois, já estamos inaugurando este terminal aqui no Porto de Pecém, a partir de um projeto inédito no mundo. Vocês estão vendo aquele navio e aquela roda. Eu tinha que virar aquilo para dar por inaugurado o terminal, mas como vocês já foram vítimas de tantas promessas que não aconteceram, eu pedi à companheira Graça para a gente deixar mais para a frente.

Nós estamos hoje fazendo uma visita, mas ele vai ser inaugurado mesmo dentro de 10 ou 15 dias, porque falta uma peça e o navio está chegando de Trinidad e Tobago. Então, eu não vou fingir inaugurar uma coisa para, amanhã, os que me tratam muito bem na imprensa dizerem “Lula inaugura uma obra que não está pronta”. Não vou fazer isso. Daqui a 15 dias a companheira Graça virá até aqui com o pessoal da Petrobras, com o governador, e poderá virar a roda com duas mãos, uma sua e uma minha. Aí, considero inaugurado este terminal.

O importante é que o Brasil é o primeiro país que usa navios adaptados, tanto para armazenar GNL quanto para realizar a regaseificação. Eu não consigo imaginar, José Sergio, uma coisa congelada abaixo de 160°C. Um sorvete que a gente põe na boca já dói a língua, imaginem uma coisa a 160°C abaixo de zero. Eu prometo, quando estiver funcionando, vir aqui para ver



como esta coisa funciona, porque a minha cabeça e a minha inteligência não me permitem entender como alguém pega gás, o transforma numa coisa gelada e ele diminui 600 vezes. Botam num navio, trazem para cá, o esquentam, ele volta ao seu estado natural, entra no gasoduto e vai para a indústria, para as casas, para os carros, para as termelétricas.

É importante lembrar, Cid, que a preferência do gás é para as termelétricas. É importante a gente lembrar porque, obviamente que nós gostaríamos de atender toda a indústria, todos os táxis do mundo, mas a prioridade é não deixar faltar energia na casa das pessoas. Obviamente que se a gente não precisar utilizar o gás durante o ano inteiro, naquela parte que se tem gás e não se está utilizando para produzir energia, ele pode servir para outras coisas. Mas as pessoas têm que entender que um país que tem álcool, gasolina, não pode ficar utilizando gás, que é uma coisa que nós não temos a totalidade de que precisamos, e precisamos importar. Precisamos, então, utilizá-lo como uma coisa nobre. É como aquela garrafa de vinho que você ganha de presente, você só vai tomar num momento nobre. Então, o gás terá preferência para a energia elétrica.

Companheiros e companheiras, o Eunício e o Ciro estiveram no governo quase três anos. Tem gente neste país que eu acho que ganha dinheiro vendendo má notícia. Tem um tipo de gente que fica dizendo “vai faltar energia, vai faltar energia”. Eu posso dizer para vocês que não vai faltar energia neste país. Eu também não poderia dizer de forma diferente, eu sou o presidente da República, mas eu dei um pouco de ênfase para contrariar aqueles... eles não falam para mim, se falassem para mim seria ótimo, eles falam para a imprensa. Então, vira e mexe, a imprensa fala: “não sei quem disse que vai faltar energia”. São os mesmos, Ciro, que administravam o País na época do apagão, eles vivem torcendo.

E não é apenas aqui que a gente está fazendo esse terminal. Estamos fazendo um na Baía da Guanabara e, se for necessário, faremos outros em



outros lugares, para que a gente não deixe o Brasil correr o risco de não ter energia elétrica para tocar a sua vida.

Somos também os primeiros a adotar o modelo de transferência de GNL de um navio supridor para outro navio regaseificador. Vocês vão ver, quando chegar aqui, que dá até para fazer uma festa, porque vai vir um navio com umas bolas brancas, todas de aço, cheias de gás dentro. E tem um outro todo vermelho, do outro lado, esperando o gás.

O Brasil é o primeiro país do mundo a ... – tem uma palavra que eu não vou dizer porque não sei o que é – eu vou ler aqui, José Sergio, veja que o pessoal que faz o meu discurso é letrado. Somos também os primeiros a adotar o modelo de transferência de GNL de um navio supridor para outro navio regaseificador, por meio de braços criogênicos. Eu vi lá os braços, não sabia que eram criogênicos, mas agora estou sabendo que são por causa do (inaudível). Nada como um dia atrás do outro, a gente aprende, vai virando.... quem sabe, quando terminar este mandato, eu estarei preparado para governar o País.

O que é importante lembrar é que este terminal foi construído em um tempo recorde de oito meses. Este é um dado pelo qual eu quero dar os parabéns à direção da Petrobras, que cuidou disso. Isso significa que a Petrobras, aos poucos, vai se transformando em mais do que uma empresa de petróleo. Todo mundo que é muito grande, muito importante, às vezes esnoba um pouco. A Petrobras não gostava muito de gás, não, o negócio dela era petróleo. Ela não gostava de álcool, não gostava de biodiesel. Aos poucos e com muito cuidado, nós vamos discutindo política com os companheiros e vamos mostrando que não é o Brasil que é da Petrobras, é a Petrobras que é do Brasil. E aí eles vão assumindo... Aliás, a propaganda que vocês fizeram na televisão está maravilhosa. Parabéns, não sei qual foi a empresa que fez, mas aquela conversa da Petrobras com o Brasil é a conversa que Dilma e eu temos todo mês com o José Sergio Gabrielli. Só que na televisão eles estão



convencendo mais o povo brasileiro do que eu e Dilma convencemos o José Sergio Gabrielli.

Bem, companheiros, eu vou parar de ler o meu discurso, apenas para dizer a vocês que eu tenho uma convicção: muitas das coisas que nós colocamos em prática possivelmente sejam resultado de eu ter vivido mais de dois terços da minha vida do outro lado, neste País, por conhecer profundamente a vida do povo nordestino, a vida do trabalhador brasileiro, por conhecer profundamente o dissabor do desemprego, de não ter estudado quando se tinha possibilidade de estudar ou quando se precisava estudar.

É por isso que esta viagem ao estado do Ceará, hoje, eu diria, é uma viagem bastante heterogênea. Nós estamos aqui anunciando a inauguração do terminal de regaseificação; nós vamos, daqui a pouco, a Quixadá anunciar e inaugurar a segunda usina de biodiesel da Petrobras; depois nós vamos a Juazeiro inaugurar a primeira parte do campus universitário que estamos fazendo lá.

Isso está acontecendo no Nordeste inteiro. Muitas vezes, tanto com o Eunício quanto com o Ciro, a gente discutia “por que o Nordeste tem que ser a parte do Brasil que tem menos mestrado, que tem menos doutor, que recebe menos investimentos em cultura?” Tudo ia para a parte que já tinha mais.

Como eu fui muito pobre a vida inteira, a minha mãe comprava um bife e repartia... Bife de pobre, não sei se vocês sabem como é. Bife de pobre, bate-se tanto com aquele martelinho, amassando, que o bicho vai esticando. Chega a ficar deste tamanho assim, mas desta finurinha. Você compra um bife e depois come quase uma gilete. Às vezes era preciso repartir aquilo para três ou quatro pessoas. Eu, às vezes, fico pensando: acho que de vez em quando a minha mãe o amarrava num barbante, a gente engolia e ela puxava de volta para o outro comer. Era pouco para muitos. Imaginem oito filhos sentados à volta de uma mesa sem ter o suficiente em calorias e proteínas. Depois eu tirei o desconto. Vocês viram que eu estou gordinho.





Eu aprendi, com isso, que só tem sentido governar um país, uma cidade ou um estado se tiver a opção clara de ajudar a parte menos favorecida da sociedade. Não é que aqui estejamos falando em tomar nada de ninguém. O que queremos é criar as condições para que os outros tenham as possibilidades e as chances que aqueles que têm mais poder aquisitivo tiveram. A revolução do ProUni é uma demonstração... Nós não tínhamos dinheiro para fazer universidade. Este moço simpático que está aqui, o Fernando Haddad, pensou numa coisa chamada ProUni. Nós demos isenção fiscal para as universidades particulares. Em troca, pegamos o equivalente ao imposto em bolsas de estudo e hoje temos 380 mil jovens da periferia deste país fazendo universidade.

Este ano vai ter a primeira turma formada, que são quase 60 mil jovens. Pela graça de Deus, em todos os testes feitos pelo MEC, os alunos do ProUni têm sido melhores do que os que não são do ProUni, numa demonstração de quê? De que esses jovens estavam esperando uma oportunidade. Na hora em que tiveram oportunidade, pegaram e não querem largar mais. O importante é que, desses 380 mil jovens, 40% são negros. Essa é uma coisa que me dá muito orgulho: perceber que os de baixo estão começando a subir os degraus de ascensão na vida social e econômica deste país.

Não é possível fazer isso sem pensar no Nordeste, no Norte do País. Quantas vezes eu discuti, dentro do governo, a necessidade de se pensar no desenvolvimento regional. O que vai significar essa ferrovia vindo para cá? Vocês pensam que é fácil fazer? O Ciro se lembra, a Dilma se lembra. Quando começamos a discutir, Cid, o que o pessoal dizia? “Presidente, não tem viabilidade econômica”. O pessoal só quer fazer as coisas onde já tem um monte de contêineres empilhados para carregar. É preciso que a gente tenha consciência de que em alguns lugares já tem desenvolvimento, e tem que fazer infra-estrutura para escoar aquilo. Em outros lugares, não tem desenvolvimento



e tem que fazer a infra-estrutura porque é ela que vai trazer o desenvolvimento para aquela região.

Por isso, nós construímos uma engenharia financeira que custou mais de 4 bilhões de reais, financiados na sua maior parte pelo BNDES, com o dinheiro do FNE, do Fundo Constitucional, e essa ferrovia vai sair. Eu já ouvi críticas: “é muito dinheiro, é muito dinheiro”. A minha preocupação é sempre essa: não perguntem quanto eu vou gastar. Perguntem quanto o povo do Nordeste vai ganhar com aquela ferrovia.

Vocês sabem o que nós apanhamos pela transposição das águas. Não foi pouca surra que a gente tomou. “É um projeto inútil, é um projeto...” O cara que fala que é um projeto inútil é o cara que abre a geladeira e toma água Perrier gelada. Perrier é uma água francesa, chique. Nós tomamos da torneira mesmo, por isso temos barriguinha grande. Um pouco de verminose não faz mal a ninguém.

As pessoas não têm a dimensão do que é carregar um pote d’água na cabeça. Vocês viram que eu não tenho pescoço? Vocês sabem o sacrifício que eu faço para colocar uma gravata pela manhã, para levantar o pescoço? É de tanto carregar água. As pessoas não sabem o que é carregar uma lata d’água, por seis léguas, na cabeça. O cidadão só abre a torneira em casa e já toma banho, quente ou frio, abre a torneira da pia e lava... nem lava mais, porque tem uma tal de máquina de lavar louças, nem suja mais as mãos, joga lá dentro e liga a máquina. Mas uma coitadinha, que a água com que lava a louça é a mesma com que dá banho na criança, tira a gordura do prato e coloca na criança... Quem viveu isso sabe que esse canal de transposição é uma das coisas mais importantes que vai acontecer neste país, neste século XXI. E só vai acontecer porque nós temos um governo disposto a fazer. Primeiro eu coloquei o José Alencar para trabalhar o projeto, depois coloquei o companheiro Ciro Gomes. A gente tem que inventar briga. Depois, com muito carinho, a companheira Marina deu o licenciamento prévio. Na questão do



meio ambiente, nós precisamos tomar cuidado. Precisamos preservar a natureza, mas também precisamos preservar a espécie humana, porque se ela for proibida de tudo, ela morre.

O Nordeste brasileiro... nós queremos cuidar de todos os estados. Essa refinaria vai custar 11 bilhões de dólares. Imaginem o que isso vai significar de geração de empregos, a quantidade de indústrias que virão para cá. Ciro, vai sair a siderúrgica; Cid, vai sair a siderúrgica; Eunício, vai sair a siderúrgica. Eu nunca prometi siderúrgica aqui. Mas eu sei que em outros tempos foi prometido, foi assinado acordo, aquele negócio todo. Mas agora vai sair a siderúrgica. Podem ficar certos de que eu vou voltar aqui para anunciar a siderúrgica.

Da mesma forma, estamos fazendo isso nos outros estados, estamos tentando levar o desenvolvimento, porque na hora em que o Brasil for mais igual no seu desenvolvimento e na sua distribuição de renda, os estados mais ricos não perderão nada. Pelo contrário, terá mais consumidor aqui no Nordeste para consumir os produtos que não se produz aqui e vender mais, para lá, os produtos que vamos produzir aqui. Nós não estamos fazendo nada mais, nada menos, do que compreender que o Brasil tem 8,5 milhões de quilômetros quadrados, que tem brasileiros morando em toda a sua extensão, que tem 27 estados da Federação (26 mais o DF), e que o papel do governo é distribuir de forma justa e equânime as possibilidades de desenvolvimento, os investimentos na educação e o dinheiro do governo.

É por isso que se vocês andarem no Brasil, hoje, verão poucas cidades que não têm uma obra do PAC. Se olharem em Fortaleza, Recife, São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, todas as principais obras são do PAC, em parceria entre o governo federal, governo estadual e prefeituras. Não olhamos partidos, não olhamos religião, não olhamos time de futebol. Se fosse assim, a cada vez que o Ceará ou Fortaleza derrotassem o Corinthians, eu cortaria o dinheiro que viria para cá. Não vou cortar porque sou um esportista



democrático.

Por isso, meu querido companheiro Cid, é uma alegria estar vivendo esta primeira hora com você, aqui. Eu já vi que hoje não vai ter almoço. Mas eu quero dizer que é um momento feliz para mim, é um momento feliz para os deputados que têm contribuído para que a gente possa aprovar as coisas no Congresso Nacional, mas sobretudo será um momento muito especial para o povo do Ceará.

Tudo isso que foi anunciado aqui da Petrobras, a refinaria e a siderúrgica, são obras que demoram de 4 a 5 anos para fazer. Senão, daqui a pouco está alguém na televisão, já agora para a eleição: “o Lula veio aqui falar, cadê? Não estou vendo nada”. Não vai ter nada agora, mesmo. Agora o compromisso é elaborar o projeto e o compromisso é que o Cid, que é muito jovem, vai me convidar, mesmo sem eu ser presidente, para a inauguração da refinaria e da siderúrgica, para fazer a primeira viagem no trem da Transnordestina e para tomar a primeira água da transposição.

Muito obrigado, parabéns ao povo do Ceará, e Deus queira que mais investimentos aconteçam aqui.

(\$211A)